

Celebrar a Paz

“Celebrar a Paz” responde ao desafio feito há algum tempo pela Escola de Ciências Sociais a todos os seus departamentos para refletirem sobre a Paz. A concretização envolveu professores e estudantes das licenciaturas e mestrados associados ao departamento de História. Contou também com o apoio dos centros de investigação da Universidade de Évora: CIDEHUS, CHAIA e do pólo de Évora do IHC NOVA.

Esta exposição tem quatro grandes propósitos:

- 1) Ser um ato de cidadania, entendido como um imperativo humano universal, no qual os jovens, na sua qualidade de herdeiros do futuro, têm um papel fundamental;
- 2) Demonstrar que a História pode (deve) ter um efetivo impacto no espaço público e que os seus profissionais têm um amplo e diversificado campo de atuação nos mercados de trabalho;
- 3) Mostrar que o conhecimento deve saltar os muros da universidade e ser comunicado a diferentes públicos;
- 4) Ensinar que a História é uma disciplina que trabalha com a transversalidade cronológica e espacial, em inquéritos científicos que respondem a perguntas de investigação construídas a partir da diversidade cultural.

Os 14 cartazes desta exposição espelham estes objetivos. Os seus autores são 33 estudantes jovens. Supervisionados cientificamente por cinco professores da Universidade, fizeram escolhas de temas e de imagens. Todos sabemos que os 14 cartazes temáticos correspondem a 14 olhares, entre muitos outros possíveis. No entanto, ao terminar a visita à exposição, todos experimentaremos uma sensação de segurança por o futuro da humanidade estar entregue a uma geração que se preocupa e que lutará pela Paz.

Inauguração

A exposição foi inaugurada no dia 5 de dezembro de 2023 e esteve patente até 26 de

Este website utiliza cookies para lhe proporcionar uma melhor experiência de utilização. Para mais informações consulte a nossa

Itinerância da Exposição

Local: Escola Secundária Severim de Faria

Data: 03 de maio de 2024 a 13 de maio 2024

Âmbito: Encontro de Escolas da Rede UNESCO

Local: Torre/Paço de Évora Monte

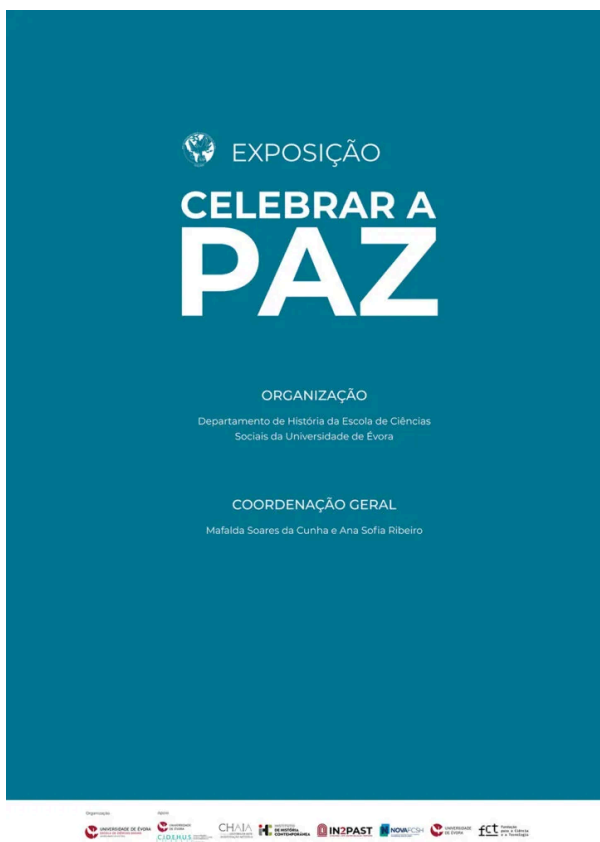
Data: 24 de maio de 2024 a 18 de junho 2024

Âmbito: Comemoração dos 190 anos da Convenção de Évora Monte

Local: Escola Secundária Conde de Monsaraz | Biblioteca Professor Manuel Talhante

Data: 24 de janeiro de 2025 a 02 de fevereiro 2025

Âmbito: Mostra aos alunos





palavras e significados

No início do século XVIII, os dicionários português e castelhano indicam significados semelhantes para paz. O primeiro é Bluteau e aponta: "paz de hum Reyno", "paz das familias", "paz interior" e sugere a intemporalidade do conceito: "da antiga gentildade foy a paz adorada como deusa". O Dicionario de Autoridades regista que paz é uma virtude, dom do Espírito Santo e "publica tranquillidade". E inclui mais 20 entradas para paz com usos no vocabulário quotidiano, assim demonstrando a sua enorme relevância social.



FOLHA DE SALA



Allegoria do Conselho da Paz, Gregorio de Ferra, c. 1800-1900. Fonte: Museo Lázaro Galdiano, Madrid, Espanha.

A ideia de união e acordo está associada a paz. Para Bluteau "Da união de vontades (...) resulta boa harmonia, paz". No Dicionario associa-se a concórdia a uma linguagem jurídica e ao fim de um conflito.



Harmony, Albert-Ernest Carrier-Belleuse, 1864. Fonte: Museum of Fine Arts, Ghent, Bélgica.

Harmonia aparece em português e espanhol associado a proporção, regularidade e simetria na música e na arte; mas a expressão "Viver em Harmonia" é conotado com paz, amizade e correspondência social.



Antiphonal Romanus General Collection, ms. 279, fo. 100v (1000). Fonte: Biblioteca Rare Book and Manuscript Library, Yale University Library, New Haven, EUA.

Tanto Bluteau como o Dicionario de Autoridades enfatizam a reciprocidade e benevolência do sentimento da amizade, equiparado ao amor. Em castelhano, é sinónimo de "gusto, y socorro", razão pela qual os escrivães incluem cláusulas "de amistad" nos contratos. Quanto a Bluteau, cita o provérbio que por muitas riquezas tidas, necessita-se sempre de um amigo; a amizade é, em português, "o vínculo da sociedade humana" e um dos maiores dons do divino, "a saber unidade com pluralidade".

Autoria: Ana Sofia Ribeiro, André Madruga Coelho e Hafaldia Soares da Cunha, professores do Departamento de História, ECS, Universidade de Évora



noutros idiomas e em outros alfabetos

Paz diz-se e escreve-se de forma muito diferente nos mais de 7000 idiomas que existem no mundo. Pese embora as diferenças fonéticas, o significado é o mesmo: oposto de violência, estado de concórdia, harmonia e amizade entre os povos. Decidimos falar sobre a paz em diferentes idiomas e alfabetos porque, com a banalização das guerras na atualidade, temos nos esquecido de como esta palavra é importante. Achamos que é uma boa altura para relembra o seu significado e saber como se diz a palavra paz em diferentes idiomas.



FOLHA DE SALA



Bandeira de Portugal e Espanha e símbolos nacionais. Fonte: Eliza Sofia Farfita, Emily Castro e Joana Aires, 2023.

Paz escreve-se do mesmo modo em português e espanhol e é assim lida por 740 milhões de pessoas em 30 países.



Bandeira de França e símbolos nacionais. Fonte: Eliza Sofia Farfita, Emily Castro e Joana Aires, 2023.

Em francês, escreve-se "paix". É língua oficial, mas não materna, em 29 países, com 267 milhões de habitantes.



Bandeira dos Emirados Árabes Unidos e símbolo nacional. Fonte: Eliza Sofia Farfita, Emily Castro e Joana Aires, 2023.

Paz em árabe diz-se sallam ou سالم. É assim entendida por cerca de 274 milhões de pessoas em 27 países.



Bandeira do Japão e símbolo nacional. Fonte: Eliza Sofia Farfita, Emily Castro e Joana Aires, 2023.

Heiwa ou 平和 significa paz em japonês. É entendida por 130 milhões de habitantes no Japão, em Singapura e em Taiwan.

Autoria: Eliza Farfita, Emily Castro e Joana Aires | Licenciatura em Património e Turismo Cultural, 2.º ano. Supervisão científica: André Carneiro





CELEBRAR A PAZ

A sùastica no Festival de Ben Desseppel, Venècia, Itàlia. Fonte: Sumita Raj (Wikimedia Commons), 2006

suásticas e paz

A suástica apresenta uma variedade de usos e interpretações em diferentes culturas. Ao longo da história, em diferentes partes do mundo, a suástica apareceu isoladamente, revelando uma complexidade de significados em diferentes contextos. Apesar da sua associação comum à guerra, racismo, xenofobia e antisemitismo, a suástica hindu acima representada possui uma conotação pacifista. Daí a importância de desmistificar o símbolo e explorar as suas diferentes interpretações.



FOLHA DE SALA



Existir de prata de Corinto, século 500-300 a.C. Fonte: Eshes (Wikimedia Commons), 2011

Moeda grega com a suástica como uma provável representação do Sol, possuindo uma possível conotação religiosa.



Mosaico romano, Museu Nacional de Arte Romana (MUSEI), Nápoles, Escúria, século II. Fonte: Leo Henkes, 2022

Mosaico romano com a representação de uma suástica relacionada com a felicidade e com fortuna.



Bandeira proposta por Mahatma Gandhi (1937-presente), 2023. Fonte: Wikimedia Commons

A suástica hindu, símbolo de um movimento político de união dos territórios anteriormente pertencentes à Índia Britânica.



Suástica sobre uma flor de lótus na Festiça de um templo budista em Changping, China. Fonte: Vinodkav (Wikimedia Commons), 2015

A suástica budista num contexto religioso, servindo como símbolo de Buda e da doutrina do ciclo eterno.

Autoria: Lenei Meireles e Pedro Ferreira | Licenciatura em História e Arqueologia, ramo de História, 3.º ano
Supervisão científica: Ana Sofia Ribeiro



CELEBRAR A PAZ

o beijo da paz

O beijo como expressão de paz surge no Mediterrâneo Oriental pré-cristão. Evoca o desejo de que a paz esteja presente. O beijo entre um auxiliar da Força Aérea Australiana e um polícia australiano simboliza a paz e a esperança trazida pelo fim da Segunda Guerra Mundial. Os novos acordos e expectativas foram estimulados pelas novas correntes de pensamento e pelas lutas coletivas. Contudo, a esperança que brotou do fim da guerra foi corrompida por novos conflitos.



FOLHA DE SALA



Frederick Potbury Lawrence com Mahatma Gandhi, 1946. Fonte: LSE Library

A concepção de paz Mahatma Gandhi, bem como a sua resistência contra o uso da violência, foram contagiantes.



Martin Luther King Jr., Washington, D.C., 1963. Fonte: Department of Justice, Office of Public Affairs, Etk

A resiliência de Martin Luther King vocaliza a paz num país racialmente dividido.



Fotografias de Ana Hoffberg, 20 de abril de 1974. Fonte: Wikimedia Commons

O fim da Guerra Colonial Portuguesa em África, simbolizou a paz e o término de um conflito doloroso.



Um mural de um homem beijando outra mulher no fim da Guerra, Berlin, Alemanha. Fonte: Norbert Dreier (Unsplash), 2022

Embora simbolize o fim de um conflito, este mural é simultaneamente uma sátira de tensões atuais.

Autoria: Inês Jonilero e Rafael Presado | Mestrado em História, 1.º ano
Supervisão científica: Paulo Simões Rodrigues





representações da paz em culturas sem escrita

As máscaras africanas carregam um forte simbolismo. Nos rituais eram usadas para agradecer às identidades religiosas, a vitória das guerras e conflitos, e para pedir uma paz duradoura para a tribo, podendo ainda envolver valores morais. Cada tribo tem a sua forma de fazer as máscaras e os seus próprios rituais. A representação mais antiga destas máscaras foi feita em pinturas rupestres datadas entre 3500 e 1500 a.C., ou seja, são anteriores às mesmas.



FOLHA DE SALA



Indian Sun Dance, Jules Tassinier e Paul Frenzeny, 1975.
Fonte: World History Encyclopedia, 2023.

A dança do Sol para alguns povos norte-americanos era a principal cerimónia comunitária religiosa. Comemora a renovação, a regeneração da vida, e garante a harmonia entre todos os seres vivos.



Danças da caverna de El Cogol do maculillo em elcogol de Henri Breuil, 1908.
Fonte: Museo de Gata, Emotions, Espanha.

Representação de uma cena de dança no período mesolítico, na qual estão retratadas nove mulheres em volta de uma figura masculina. Exibe um ritual de fertilidade, que pretende trazer abundância à comunidade.



Aboriginal ceremony, with waddy and emu (jumbawurr), William Bockl, ca. 1893.
Fonte: State Library Victoria, Melbourne, Australia.

Pintura de uma cerimónia aborígene entre os Wurundjeri que sinaliza uma celebração de paz. Esse é o motivo pelo qual os indivíduos se vestiam com mantos elaborados e usavam tocados. Estas cerimónias mostram também encontros entre as populações aborígenes e os europeus.

Autoria: Beatriz Frazão, Maria Figueira e Rafaela Calisto | Licenciatura em História e Arqueologia, 2.º ano
Supervisão científica: André Carneiro



na pintura

A arte tem o poder de capturar a essência da vida quotidiana, revelando-nos a beleza e a serenidade que muitas vezes passamos despercebidas. Neste contexto, exploraremos pinturas que celebram a paz no quotidiano, como no primeiro painel, onde está representado um conjunto de pessoas no seu quotidiano, como raparigas a dançar e a cantar, dois cabritos a dançar e vários camponeses num dia comum de trabalho. Em contraste, é verificável um ambiente hostil e de guerra.



FOLHA DE SALA



Children's Afternoon at Wargemont (jornada), Pierre-Auguste Renoir, 1884.
Fonte: Bildmuseen, Staatliche Museen zu Berlin, Alemanha.

A obra *Children's Afternoon at Wargemont* espelha a serenidade no quotidiano da família Bérard, onde três meninas são retratadas lendo, costurando e brincando, numa sala de estar confortável e iluminada.



New Year's Market in a Time of Peace (4 of 9 jornadas), Ding Guoqing, 1958/1971.
Fonte: National Peace Museum, Taiwan, República da China.

A obra *New Year's Market in a Time of Peace* representa a paz no quotidiano de uma população durante um mercado no Ano-Novo Chinês, onde são retratados vários comerciantes a vender os seus produtos.



A Sunday on La Grande Jatte (jornada), Georges Seurat, 1884-1886.
Fonte: The Art Institute of Chicago, EUA.

A pintura impressionista *A Sunday on La Grande Jatte* representa o quotidiano de um conjunto de pessoas de diferentes grupos sociais a passear e a relaxar num parque, em França. Este ambiente de paz e serenidade é realçado pela utilização de elementos naturais, como o rio azul e as árvores verdes, que revelam a beleza da natureza em conjugação com as simples ações humanas.

Autoria: Lara Afonso e Margarida F. Salgueiro | Licenciatura em História e Arqueologia, ramo de História, 2.º ano
Supervisão científica: Paulo Simões Rodrigues





música como memória

A música é uma manifestação artística que transmite mensagens e sentimentos de união, esperança e não violência, em contextos de conflito, violência e injustiça social. *Imagine*, de John Lennon & The Plastic Ono Band (1971), foi composta como forma de protesto à Guerra do Vietname, tornando-se um hino à paz universal e à igualdade. Nesta música, a diferença é vista como promotora da partilha e não do fosso entre os povos. O ser humano precisa do outro; da partilha da diferença emergirá a paz.



FOLHA DE SALA
e-PAZ2021



Juven preso no Estádio Nacional sendo identificado e fotografado por militares, Santiago, Chile, 22/09/1973. Fonte: Estado Plurinacional de Bolívia, Arquivo INECC/Estado Plurinacional de Bolívia

Victor Jara, em *Vientos del Pueblo* (1973), cantava a paz e a justiça social. Precursor da Nueva Canción Chilena, foi preso, torturado e fuzilado após o golpe de estado de 11/09/1973, o início da ditadura militar chilena de Pinochet.



Women from the 'Women Wage Peace' take part in a march near the Jordan River, 08/02/2017. Fonte: Reuters

Reunindo mulheres israelitas e palestinas, *Prayer of the Mothers*, de Yael Deckelbaum, surge na sequência das Marchas de Esperança pelo fim das tensões entre Israel e a Palestina em 2016.



Un bouvier de village observé de drones militaires et de drones autonomes la procession du rite rituel d'abandon de l'Azawad, Mali, 2015. Fonte: Reuters/Contrasto/Alamy

Autoria: Ana Fragoso, Carolina Calado e Mafalda Balama | Licenciatura em Património Cultural, ramo de Gestão, 1º ano e Mestrado em Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural, 1º ano | Supervisão científica: Ana Sofia Ribeiro

Azawad (em árabe) ou Azawagh (em tuaregue) é uma experiência instrumental formada por um guitarrista maliano e por um pianista israelita (The Touré-Raichel Collective). Esta palavra refere-se ao território entre Timbuktu e Bourem. O Movimento Nacional De Libertação de Azawad (MNL) começou o movimento de insurgência em 2012 contra o estado do Mali, colocando um ponto final na discriminação racial, económica e linguística do território.



no cinema

Para comemorar a paz, o cinema partilha histórias de pessoas que escolheram cultivar a paz em contextos de conflito. O cinema faz-nos sentir e perceber que a paz e a não violência são caminhos poderosos. Em *Hacksaw Ridge*, durante a Segunda Guerra Mundial, Desmond Doss, soldado americano, recusa-se a pegar em armas, apenas quer salvar os feridos. O personagem principal não desiste dos seus ideais, fazendo-o um promotor da paz.



FOLHA DE SALA
e-PAZ2021



Fotograma do filme *La Vita È Bella*, 1995. Fonte: Shutterstock

Em *La Vita È Bella* a paz foi mantida através da imaginação, da família e do amor. Para ensinar esse ideal, Guido oculta os vestígios da Segunda Guerra Mundial ao seu filho através do humor.



Carteia do filme *Mandela: Long Walk to Freedom*, 2015. Fonte: IMDb/Century Studios

Na África do Sul, a paz foi desafiada através da opressão e do racismo. O filme retrata o percurso feito por Mandela, percorrendo a sua luta e reconciliação do país. A ação política é um meio para manter e lutar pela paz.



Carteia do filme *Hotel Rwanda*, 2004. Fonte: ILoungegate

Em *Hotel Rwanda* o personagem principal, Rusesabagina decidiu num ato de bravura e humanidade, salvar mais de 1200 refugiados durante a Guerra Civil no Ruanda (1990-1994). Para isso, usou o hotel que geria como um abrigo para os refugiados tutsi. Este conflito teve origem na rivalidade entre as etnias hutu e tutsi, provocando um dos maiores genocídios da história. Cerca de 1 milhão de pessoas morreram, vítimas de um plano sistemático de eliminação étnica.

Autoria: Ana Rita Paz e Diana Castelos | Licenciatura em Património Cultural, ramos de Gestão e Turismo, 1º ano
Supervisão científica: Ana Sofia Ribeiro





tratados e redefinição de fronteiras

Os tratados de paz marcam o fim de um conflito, sendo a definição de fronteiras um dos seus termos frequentes. O Tratado do Ebro, assinado no séc. III a.C. entre Roma e Cartago, define a fronteira entre estes espaços imperiais no rio Ebro, no nordeste da Península Ibérica. O tratado é assinado no decurso da 1ª Guerra Púnica. Segundo Políbio, deve-se à necessidade romana de prevenir a aliança entre cartagineses e gauleses, que invadiam zonas romanas.



FOLHA DE SALA



The Birth of the Peace of Westphalia, Gerard Ter Borch (1648).
Fonte: National Gallery, Londres, Reino Unido

Assinada em 1648, a Paz de Vestfália, ou os onze Tratados de Münster, marcam o fim da Guerra dos 30 Anos e da Guerra dos 80 Anos, assim como um novo paradigma na história da diplomacia: um sistema internacional de Estados, em que os acordos eram negociados bilateralmente entre partes em conflito. Estabeleceram novas fronteiras na Europa: a independência da Suíça, a independência das Províncias Unidas (atuais Países Baixos), a cedência da Alsácia à França, de parte da Pomerânia à Suécia. Associada está a paz entre a Espanha e as Províncias Unidas (na imagem), cujo conflito havia começado em 1568.

A 27 de junho de 1953 dá-se um encontro em Panmunjeom, Coreia do Norte, onde é assinado por William Harrison Jr., representante da UNCMAC (United Nations Command Military Armistice Commission), e o General Nam Il, em nome do Exército Popular da Coreia, um armistício que suspende a Guerra da Coreia. O conflito surgiu em 1950 no contexto da Guerra Fria, tendo o Norte comunista o apoio da China e da União Soviética e o Sul democrata, o dos EUA. É estabelecida uma fronteira entre as Coreias, onde é criada uma Zona Desmilitarizada.



Negociação do Armistício da Guerra da Coreia, Panmunjeom, Coreia, 1953.
Fonte: National Archives and Records Administration/JFKLIS, EUA

Autoria: Alcía Mestre e Malva Leal | Licenciatura em História e Arqueologia, ramo de História, 2º ano
Supervisão científica: Ana Sofia Ribeiro



Pax e imperialismo

O conceito de "pax" alude a um período de estabilidade política e militar e assinala um período de hegemonia de uma potência. A associação entre imperialismo e paz atou como argumento de propaganda em diversas geografias e épocas históricas. Para tal, usaram a cultura escrita, visual e oral. O objetivo era promover e legitimar a dominação imperial, apresentando-a de forma positiva, o que falseava a verdade, pois a conquista e, depois, as relações de dominação estavam longe de ser pacíficas.



FOLHA DE SALA



Pormenor do altar romano Ara Pacis Augustae, Roma, Século II a.C.
Fonte: Ingo Himmelfarb/Corbis/Universal/Contrasto

Pax Romana é um período de 200 anos que ocorre entre 27 a.C. a 180 d.C. marcado pela expansão territorial e hegemónica no mediterrâneo. O altar "Ara Pacis" foi mandado construir pelo Imperador Augusto a fim de a celebrar.



Combate naval e torres alfonso de Albuquerque, Juan de la Corte, Século XVI.
Fonte: Museo del Prado, Madrid, Espanha

Pax Hispanica retoma o conceito romano e aplica-se ao período entre 1598 e 1621 que coincide com o reinado de Filipe III de Espanha. Corresponde à fase de hegemonia política, militar e económica espanhola.



Britannia Riding the Waves, Nicholas Hilliard, 1616.
Fonte: Brindley Art Gallery, Victoria, Australia

Pax Britannica é o período de hegemonia britânica entre 1815 e 1918. Recupera o imaginário da Pax Romana. Inicia-se com o fim das guerras napoleónicas, à quais se sucederam 100 anos de paz entre potências europeias. Por isso, o conceito associa a dominação imperial britânica à paz, ocultando a violência cometida em outras partes do mundo. De facto, o seu predomínio económico e político assentou numa expansão extraeuropeia muito agressiva, cujo símbolo foi a "Britânia".

Autoria: David Anjos, Luís Marcelino e Tiago Cerejo Andrade | Licenciatura em História e Arqueologia, ramo de História, 3º ano
Supervisão científica: André Madruga Coelho





descolonização e paz

Timor-Leste foi uma colónia portuguesa por mais de 500 anos. Ocupava a metade leste da ilha de Timor e o restante pertencia à Indonésia. Em 1954, esta emancipou-se da colonização holandesa. Em 1975, durante a descolonização portuguesa, os indonésios ocuparam Timor-Leste. Os timorenses resistiram, enfrentando um poder altamente repressivo. O Massacre de Santa Cruz, em 1991, chamou a atenção do mundo para esta luta. Independência e paz foram alcançadas em 2002.



FOLHA DE SALA



Operação no Estuário Sotóloro contra os Mau Mau, Quênia, entre 1952 e 1955. Fonte: Imperial War Museum, Reino Unido

Em 1952, o grupo guerrilheiro Mau Mau revoltou-se contra a dominação britânica no atual Quênia. Reagia contra a ocupação inglesa das terras férteis, a subordinação política e a ausência de direitos civis da população kikuyu. Os Mau Mau afirmaram-se primeiro como um movimento pacífico, embora tenha ocorrido, posteriormente, uma escalada de enorme violência de ambas as partes. Após 11 anos de luta e negociações, o Quênia alcançou a independência, em 1963.



Combate et prior de la Créte de France, Auguste Raffet, 1838. Fonte: Wikimedia Commons

O Haiti, parte de uma das maiores ilhas das Antilhas, foi uma colónia francesa desde finais do século XVII. A maior parte da população era composta por africanos escravizados, obrigados a trabalhar em plantações de açúcar e café. Os maus tratos a que foram sujeitos levaram-nos a revoltar-se contra os proprietários e a autoridade colonial, em 1791. A violência desta primeira insurreição escrava provocou pânico a nível mundial. A paz e a independência foram alcançadas em 1804.

Autoria: Inês Sofia Barandas e Pedro Martim Pereira | Licenciatura em História e Arqueologia, ramo de História, 2º ano
Supervisão científica: Mafalda Soares da Cunha



caricaturas e sátira ao conflito e à violência

Napoleão promulgou o decreto de Berlim em 1806 com o objetivo de proibir a entrada dos navios vindos da Inglaterra ou das suas colónias ultramarinas nos portos europeus que estavam sob domínio francês. Constituiu mais um episódio das rivalidades franco-britânicas. A caricatura da divisão do mundo através do corte do globo por Napoleão e por um oficial Inglês satiriza a luta dos dois impérios pela hegemonia mundial.



FOLHA DE SALA



O Ultimatum, Raphael Barboza Pinheiro, 1890. Fonte: Museu Barboza Pinheiro, Lisboa

Portugal apresentou as suas pretensões territoriais em África, que foram rejeitadas pela Grã-Bretanha. A caricatura retrata o disparo do Ultimato Inglês (1890) sobre Portugal, retratado como o Velho do Restelo.



Assault Pedro, Assaut Assaut Miguel (Guerra), Manuel Duarte, 1833. Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal

A Guerra Civil portuguesa teve lugar entre 1832-1834. A caricatura representa os irmãos em conflito: D. Pedro amparado pelo rei liberal francês, Luís Filipe, e D. Miguel, sustido pelo czar Nicolau da Rússia que representava o Antigo Regime.



Back to the scene of his crime (Germany), John Francis Knowl, 1918. Fonte: The Library of Congress, Washington, D.C., USA

A Primeira Guerra Mundial (1914-18) foi um conflito devastador que envolveu uma grande parte dos países do mundo e causou cerca de 40 milhões de baixas civis e militares. Terminou com a derrota da Alemanha, a quem foram atribuídas pesadas sanções no Tratado de Versalhes. A caricatura tem como personagem a morte, que representa o povo alemão, a visitar uma campa, assinalando o elevado número de mortes.

Autoria: Fátima Pestana, Inês Sampaio e Leandro Rocha | Licenciatura em História e Arqueologia, ramo de História, 3º ano
Supervisão científica: André Madruga Coelho





guerra, liberdade e paz

Construído em 1980, o Memorial Chiang Kai-shek, localizado na capital de Taiwan, Taipé, tem evidentes contornos políticos. Ao homenagear o último líder da República da China e detentor do cargo mais alto na resistência aos comunistas na Guerra Civil Chinesa, destaca o seu combate político e a luta pela liberdade. A luta pela liberdade, neste caso liberdade política, é fundamental para assegurar a paz e harmonia entre povos.



FOLHA DE SALA



Ara Pacis Augustae, Roma, Itália.
Fonte: Manfred Hagler (Wikimedia Commons), 2009

O Ara Pacis Augustae é um altar construído em Roma entre 13 e 9 a.C. para celebrar o regresso de Augusto das suas campanhas militares, iniciando o período conhecido como Pax Romana.



Bandéiras dos membros da ONU - Sede da ONU, Nova Iorque, EUA.
Fonte: Antero da Silveira (Wikimedia Commons), 2007

A sede da Organização das Nações Unidas representa a instituição supranacional que é garante da paz no mundo desde o fim da 2ª Guerra Mundial. A sua intervenção, tanto política como militar, tem como principal objetivo evitar conflitos.



Memorial da Guerra Civil Afro-Americana, Washington, DC, EUA.
Fonte: David F. Kelly, 2005

O Memorial da Guerra Civil Afro-Americana homenageia o serviço das tropas afro-americanas no conflito (1861-1865). O monumento retrata os soldados do regimento criado por Lincoln em 1862, designado United State Colored Troups, e reconhece o seu papel durante o conflito na luta pela liberdade e pelo fim da escravatura nos EUA. O esforço pela redução das desigualdades e a luta pela liberdade do indivíduo são fundamentais para a promoção da paz.

Autoria: Afonso Marques, Diogo Moreno e João Ferreira | Licenciatura em História e Arqueologia, ramo de História, 2º ano e Mestrado em História, 1º ano
Supervisão científica: André Carneiro



feriados: paz ou vitória?

O Dia Internacional da Paz é comemorado em todo o mundo a 21 de setembro. Foi instituído pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 1981, para assegurar 24 horas de não violência e cessar-fogo à escala global. Esta comemoração é realizada anualmente com o objetivo de promover o ideal da paz junto das populações de todo o mundo, sobrepondo-se a quaisquer diferenças e interesses. Incentivando não apenas a refletir sobre o tema, mas também a concretizar ações em prol da paz.



FOLHA DE SALA



Comemoração do Dia do Armistício, Filadélfia, 1918/1918.
Fonte: Library Company of Philadelphia, EUA

A 11 de novembro de 1918, foi assinada a paz que finalizou a I Guerra Mundial. Chama-se o dia do Armistício e é evocado anualmente para recordar à humanidade os milhares de soldados caídos em combate.



Fotografia simbólica da trégua entre o Paraguai e a Bolívia, Corrientes, 1935.
Fonte: Pablo Casar/Neteas

A 12 de junho o Paraguai celebra a paz assinada em 1935 com a Bolívia. Esse tratado encerrou a guerra pela região de Chaco, que é uma parte do território paraguaiense. Comemora igualmente a valentia dos seus soldados.



Grand Peace Festival of Augsburg, Alemanha, 2005.
Fonte: Christian Heubel, 2003

Remontando a 1650, o festival anual de Paz de Augsburg celebra a paz alcançada depois das perseguições religiosas que fugistaram o Sacro Império na primeira metade do século XVI. Essa paz foi assinada em Augsburg (1555), entre as autoridades luteranas e o Imperador católico Carlos V. Assenta no princípio *cujus regio ejus religio*, que significa que cada região deve seguir a confissão religiosa do seu príncipe.

Autoria: Beatriz Valente Caspar, José Miguel Lopes e Miguel Nunes | Mestrado em História, 1º e 2º anos
Supervisão científica: Mafalda Soares da Cunha



Ficha técnica

Coordenadores gerais : Mafalda Soares da Cunha & Ana Sofia Ribeiro

Autores: Afonso Marques, Alcía Mestre, Ana Frago, Ana Rita Paz, Ana Sofia Ribeiro, André

Inês Mendes, Inês Sampaio, Inês Sofia Barradas, Joana Aleixo, João Ferrinho, José Miguel Lopes, Lara Afonso, Leandro Rocha, Levi Meireles, Luís Marcelino, Mafalda Balona, Mafalda Soares da Cunha, Maira Leal, Maria Figueira, Margarida F. Salgueiro, Mariana Lopes, Miguel Nunes, Pedro Ferreira, Pedro Martim Pereira, Rafael Prezado, Rafaela Calixto, Tiago Cerejo Andrade.

Design gráfico e supervisão de imagem: Luísa Rocha (CIDEHUS)

Edição: Universidade de Évora, 2023

Moinhos do rio Degebe – História e Memórias

Religião e mulheres. Resistências nos Impérios Ibéricos, 1500-1850



SOBRE O CIDEHUS

O Centro

Investigação

Formação

Publicações

Recursos

Contactos

ATIVIDADES

CONTACTOS

📖 Palácio do Vimioso
Largo do Marquês de Marialva, nº 8
1549-014 Évora, Portugal

📞 (+351) 266 740 800
(chamada para rede fixa nacional)

✉ cidehus@uevora.pt

✉ comunicação@cidehus.uevora.pt

📍 Localização

NEWSLETTER

Email*

Aceito os Termos e Condições.

Subscrever

© CIDEHUS – Universidade de Évora 2024

Política de Privacidade e Cookies • Livro de Reclamações

CIDEHUS: <https://doi.org/10.54499/UIDP/00057/2020>



Publicação financiada pelo Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora

O CIDEHUS – Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora é
financiado pela Fundação para Ciência e a Tecnologia, I.P. – UIDB/00057/2020